

# **BANDA DE MÚSICA DO 10º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS**

## **BAND OF MUSIC OF THE 10TH BATTALION OF MILITARY POLICE OF THE STATE OF GOIÁS**

SANTOS, Renato Souza<sup>1</sup>

SOUZA, Samuel Gomes<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por finalidade apresentar o contexto histórico da Banda de Música do 10º BPM situado no município de Luziânia – GO. O levantamento e catalogação dos dados foi realizado por meio de entrevista semiestruturada, os entrevistados foram os policiais músicos que fizeram parte da primeira formação que deu início a Banda de Música. A entrevista foi feita de forma presencial num formato de conversa, pois pretendia-se com isso, deixar os músicos mais à vontade para poderem narrar com mais riqueza de detalhes os acontecimentos de quase trinta anos de efetivo serviço prestados à corporação. Detalhes como: dificuldades financeiras, problemas com moradia, atrasos salariais, conquistas alcançadas ao longo dos anos, perseguições sofridas e alegrias que a polícia militar pode proporcionar.

**Palavras-chave:** Polícia Militar. Policiais Músicos. Banda de Música. Luziânia.

### **ABSTRACT**

The present work aims to present the historical context of the band located in the municipality of Luziânia. The survey and cataloging of the data was done through a semi-structured interview the interviewees were the police musicians who were part of the first training that started the music band. The interview was done face-to-face in a conversation format because it was intended to leave the musicians more at ease to be able to narrate in more detail the events of almost thirty years of effective service rendered to the corporation. Details such as: financial difficulties, problems with housing, wage arrears, persecutions suffered and joys that the military police can provide.

**Keywords:** Military Police. Politics Musicians. Musical Band. Luziânia.

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Formação de Praças lotado no 10º Batalhão de Polícia Militar de Goiás – 5º CRPM, [renatossantos91@gmail.com](mailto:renatossantos91@gmail.com); Luziânia – GO, fevereiro de 2018

<sup>2</sup> Professor Orientador: Mestre professor do Programa de Pós - Graduação do Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, [samueldotrombone@yahoo.com.br](mailto:samueldotrombone@yahoo.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo estudar a Banda de Música do 10º batalhão de Polícia Militar do estado de Goiás (Batalhão Alvorada), situado no município de Luziânia. O interesse pelo tema se evidencia pela influência que a Banda de Música exerce no meio militar e fora dele, pois como cita o tenente Hamilton Passos (2018) “a atuação da Banda de Música influencia, espontaneamente, todo o efetivo de uma unidade militar e, quando levada para além dos muros da caserna, causa admiração, provocando aplausos”.

Entende-se que a banda tem grande estima no âmbito castrense, por isso é plausível conhecer o contexto histórico da Banda de Música da PMGO. Sobre registros referentes a Banda de Música Ronaldo Pereira Rocha (2010) explica que:

Dos muitos acontecimentos culturais ocorridos em Goiás envolvendo banda de música, raros foram registrados. Os que foram registrados pouco contribuíram ou deixaram lacunas que precisam ser preenchidas no sentido de esclarecer os fatos acontecidos envolvendo bandas de música, principalmente aqueles relacionados com a Banda de Música da Polícia Militar do Estado de Goiás. (RONALDO, 2010, p. 23).

Sendo assim esse trabalho relatará sobre a Banda de Música do Batalhão Alvorada visando registrar fatos que contribuam para que a trajetória do início da banda não seja conhecida apenas por quem foi integrante da primeira turma, mas também pelos demais policiais músicos ou não que se interessarem em conhecer sobre essa parte da polícia militar do estado de Goiás que é de grande relevância tanto para a própria instituição quanto para as solenidades cívicas e demais cerimônias que participa.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo é uma breve contextualização histórica da Banda de Música na polícia militar de Goiás e o conteúdo aqui explanado tem como principal fonte bibliográfica o livro “O Anhanguera” editado no ano de 1999. O referido livro foi desenvolvido por uma equipe composta por quatro pesquisadores: Maj. PM Balthazar

Donizete de Souza, pela professora historiadora Cibeli de Souza, pelo Cap. PM André Luiz Gomes Scröder e pelo aspirante PM Donizete Alves Pinto. Estes foram incumbidos de pesquisar a fundo sobre a história da instituição, pois oficialmente ela estava prestes a completar cento e quarenta anos de existência, e praticamente não se sabia sobre sua história. Por esse motivo fez-se necessário catalogar as informações obtidas. Dentro desse levantamento de informações também estão inseridos relatos sobre a trajetória da Banda de Música, pois esta é de suma importância para a instituição PMGO. Como cita o autor Vinicius Mariano Carvalho (2002), “ a história da Banda de Música se confunde com a própria história da corporação.”

No livro, os autores relatam que a Banda de Música foi criada em 1893, no comando do Major Honorário do Exército João Maria Berquó. Inicialmente era encarregada das retretas e das festas especiais através de uma Jazz Band. Anos depois, na década de 50, começou a animar solenidades civis, religiosas e militares. A banda foi conquistando espaço com essa relação com o público e passou a ampliar suas apresentações.

A banda surge na instituição PMGO, mais precisamente na cidade de Goiás, ganha espaço e se destaca tanto dentro da corporação como no meio civil, o que contribuiu para o contexto histórico da polícia militar, começando pela sua interação com a sociedade através da participação em retretas, festas especiais. Sua atuação era tão importante que o governador de Goiás José Xavier de Almeida (1901-1905) fiscalizava a banda pessoalmente, e certa vez até mandou prender todos os componentes por tocarem desafinado. Mendonça (1981, pg.89), narra o trecho do depoimento de D. Maria Xavier, irmã do governador, sobre a prisão da banda no qual ela conta que a banda tocava em um baile, e Juca (era assim que ela chamava o governador) notou que a banda tinha desafinado, então no outro dia pôs todos os músicos na cadeia. No final do trecho ela explica que a intenção não era somente castigar, mas também incentivar e valorizar; foi assim que ele conseguiu elevar o nível da banda.

Apesar do fato da banda ter sido presa parecer estranho, ainda deixa evidente que o serviço prestado por ela era indispensável e muito valorizado, principalmente para aquela autoridade. A participação da banda deixava os eventos mais esplendorosos, mais agradáveis e também mais alegres.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de entrevista semiestruturada na qual foi possível catalogar e apresentar o contexto histórico da Banda de Música do 10º Batalhão de Polícia Militar do Estado de Goiás situado no município de Luziânia.

Foram entrevistados músicos que fazem parte da primeira turma de músicos formada no 10º BPM e que ainda estão na ativa (exercício das atividades militares), também foi entrevistado um ex-integrante da banda, que de acordo com o relato dos músicos da ativa, este é de suma importância para a história da banda em questão.

A entrevista foi realizada no formato de diálogo, pois assim os entrevistados puderam se sentir mais à vontade para falar de suas experiências vividas neste contexto militar. Apesar de ter sido uma conversa, tudo foi norteado por uma série de perguntas previamente estruturadas, estas visavam obter informações pertinentes e mais fiéis possíveis da historicidade da banda. As principais perguntas utilizadas foram: Quem teve a ideia de implantar a banda no 10º BPM? Quem foi o primeiro regente? Quantos policiais eram na primeira formação? Os instrumentos eram novos? Quais as dificuldades iniciais enfrentadas pelos componentes? Os instrumentos eram novos ou doados? Havia preconceito por parte dos policiais combatentes? A banda tem sua importância reconhecida hoje? Ao passar dos anos os novos integrantes mostraram-se interessados pelas tradições da banda?

Todos os dados adquiridos através dessas conversas foram previamente registrados através de gravação de áudio mediante a utilização de aplicativo de um aparelho celular e estas informações foram posteriormente transcritas. Todos os escritos estarão disponíveis na íntegra em forma de apêndice no final do presente trabalho.

#### 3.1 CONTATO COM OS ENTREVISTADOS

Como o Curso de Formação de Praças (CFP) está ocorrendo no mesmo ambiente onde a Banda de Música está lotada, houve maior facilidade em contatar os

músicos e assim, ouvir seus relatos sobre o início da banda. Porém houve um pouco de dificuldade em conciliar horários para realizar as entrevistas pelo fato de o expediente da banda ser apenas no período matutino, e eu estando na condição de aluno soldado, não podia faltar às instruções ministradas no curso. Sendo assim, foi preciso solicitar uma autorização na da Seção Técnica de Ensino para que algumas das entrevistas pudessem ser realizadas no horário do expediente da banda (período da manhã). Um dos entrevistados, apesar de ainda estar na ativa ele está lotado em uma unidade diferente, com isso a entrevista do músico em questão foi realizada meio do aplicativo Whatsapp.

## **4 RESULTADO E DISCUSSÃO**

### **4.1 INÍCIO DA BANDA**

A Banda de Música do 10º Batalhão de Polícia Militar do Estado de Goiás — BATALHÃO ALVORADA — foi fundada em 23 de novembro de 1989 passando a integrar o contexto histórico e cultural do Município de Luziânia pouco tempo após a transição de companhia para batalhão; a companhia ficava na área central do município, próximo à prefeitura. Na época, o comandante geral da polícia militar era o Coronel PM Cícero de Camargo Prado. Na regência geral da Banda de Música estava o Tenente PM José da Silva, e o 10º BPM estava sob comando do Tenente-Coronel Waldir Sebastião de Assis.

A ideia de implantar a Banda de Música da polícia militar em Luziânia veio do Tenente-Coronel Waldir, além de um feito para enaltecer o nome da instituição era também a realização de um sonho. Segundo os relatos dos entrevistados, houve uma grande dificuldade para o Tenente-Coronel conseguir meios para a implantação da banda, principalmente pela falta de verba para investir na compra dos instrumentos.

(...) então já tava na fase de mudar de companhia pra décimo batalhão...então ele foi promovido a tenente-coronel, e ele mesmo montou a banda aqui, mas com o maior sacrifício do mundo! Ele teve que pedir ajuda aos empresários pra comprar os instrumentos porque o estado, na época, não tinha dinheiro em caixa pra comprar esses instrumentos, então ele foi nos empresários aqui de Luziânia e conseguiu a doação de um de outro até que conseguiu todos os instrumentos. (Humberto p. 21)

Juntamente com o segundo Sargento Leônidas Lima, que viria a ser o primeiro regente da banda, o Tenente-Coronel Waldir buscou ajuda do prefeito de Luziânia Zequinha Roriz, que se interessou muito pela ideia, e também encontrou apoio dos empresários do próprio município de Luziânia, que se propuseram cooperar com doações para a aquisição dos instrumentos; nessa movimentação para conseguir os instrumentos eles receberam instrumentos novos da marca Bentley.

Obtida a parte instrumental, o Tenente-Coronel Waldir e o Sargento Leônidas, com a ajuda de outras pessoas que nem eram militares na época (capitão Ronaldo, hoje regente geral da banda) deram início uma jornada para que fosse inserido a parte musical no 10º Batalhão, e começaram a divulgar entre os músicos do município sobre o concurso para ingressar como músico na polícia militar. Os primeiros músicos da cidade a saberem do concurso foram os componentes da Banda de Música da Assembleia de Deus que tinha como regente senhor Gercy, essa banda costumava tocar na região; também músicos da igreja de Cristo e músicos da banda Sonata, muito tradicional na época.

#### **4.1.2 Dificuldades Iniciais**

O interesse em buscar homens para participarem do concurso era tanto que a notícia não ficou só nos limites do município de Luziânia ou mesmo do estado de Goiás, a divulgação chegou através do Sargento Moisés ao estado do Rio de Janeiro. A oportunidade de ingressar em uma Banda de Música da polícia militar acabava de chegar para quem tivesse disposto a sair do convívio familiar, deixar emprego e lutar por uma das vagas; e foi o que aconteceu, muitos músicos vieram do Rio de Janeiro sem condições financeiras de se manterem em Luziânia, chegando no município não tinham onde morar e até mesmo sem ter o que comer.

(...) eles ficavam em casa...nós era pra entrar...então muitos deixou o emprego lá e veio pra casa, não tinham onde comer, não tinha onde ficar...e ficaram lá em casa...aí os vizinhos, alguém...nós fazia vaquinha pra ajudar, pra eles comer (...) (Firmiano p. 19)

Foi que um dos moradores do município, que também pretendia ingressar na polícia como músico, hoje segundo Sargento Firmiano, deu abrigo a um total de trinta candidatos que vieram disputar uma das vagas do concurso mesmo sendo estes candidatos seus concorrentes, ele até adiou seu casamento para dividir moradia com os colegas cariocas.

(...) E outra: isso porque eu, na época eu ia casar, não casei por causa de trinta que vieram do Rio né...trinta cariocas que vieram

do Rio e ficaram hospedado na minha casa. Porque é o seguinte: o Moisés, irmão do sargento Mauro, foi no Rio e falou que ia abrir o concurso pra banda, e vieram muitos do Rio, vieram muita gente do Rio pra cá pra entrar na banda, só que quando eles chegaram no quartel o quartel lá era precário, cê olhava pro telhado assim cê contava as estrela, e eu morava sozinho, morava perto da Vila Portuguesa, no Parque da Inspiração, morava sozinho, morava de aluguel morava sozinho, porque eu ia casar...aí quando eles chegou...meu primo chegou com um lá que também queria entrar na banda...aí chegou com um e falou: — Olha! Tem como ele ficar aí? Eu falei: — Beleza! Pode ficar aí (...). (Firmiano p. 18)

Com o apoio de alguém que nem lhes conhecia direito os cariocas puderam ficar em Luziânia para participar do concurso, mas apesar do auxílio que receberam e da disposição que eles tiveram em vir de tão longe para lutar por uma vaga na Banda de Música, alguns músicos não conseguiram aprovação no concurso e retornaram para o Rio de Janeiro. Não só os músicos que vieram de outro estado sofreram a decepção de reprovar, algumas pessoas da própria região como Ronaldo, que tinha dado apoio ao sargento Leônidas na divulgação do concurso, reprovou por uma confusão no momento da inspeção médica.

O curso começou com efetivo de quarenta componentes, porém alguns músicos conseguiram passar em outros concursos, na época o salário era muito baixo então muitos buscaram outras opções dentro da área musical em outras instituições militares. Os músicos aprovados que continuaram na Banda de Música do 10º BPM iniciaram o curso no mesmo período que aqueles que cursavam para o quadro de combatentes, no entanto, era um pelotão à parte; a formação desse pelotão terminou primeiro do que a dos combatentes, o curso durou cerca de quatro meses pelo fato deles serem do quadro de especialistas músicos. Naquele período os salários dos policiais militares eram muito baixos e ainda ocorriam atrasos nos pagamentos primeiros meses de curso, então os policiais que estavam no período de formação passavam muitas dificuldades para se manterem, até mesmo para locomoverem de suas residências para o quartel; a seguir o relato de um dos entrevistados sobre essa situação:

. Na época, polícia de Brasília tava ganhando um salário e meio. Um guarda lá ganhava mais do que a gente na época, guarda de banco, esses negócio, ganhava mais que a gente.

(...) a gente ganhou umas casinha lá no Jofre Parada, na época a gente vinha de bicicleta pra cá porque não tinha condições...o salário...era menos de um salário(...) (Esdras p. 19)

No período em que estavam fazendo o curso eles eram empregados na obra do quartel pois ainda tinha muito serviço incompleto, haja visto que a transição de companhia para batalhão acabara de acontecer, então usavam a mão de obra deles, pois alguns tinham noções de serviço de pedreiro, eletricista e outras profissões. Os entrevistados falaram com orgulho de sua contribuição na obra do quartel:

A banda quando veio...teve que terminar essa obra aí...a gente quase que parou né Esdras? (Roberto p. 19)

(...) Aí a gente passou pro quartel aqui de cima. Esse quartel já foi outra história, a gente construiu ele todinho, o muro aqui...tudo (...)

(...) só tinha os...o prédio principal tava feito, onde fica a escola de vocês, esse prédio aí já tava feito, já tava pronto, só que a gente teve que fazer acabamentoo de pista. (Esdras p. 19)

Os novos músicos tinham que vencer o cansaço de estarem trabalhando na obra para aprender os hinos, canções e dobrados militares uma vez que não demoraria muito para começar a tocar nas formaturas matinais, desfiles, e outros eventos que a banda costuma participar.

#### **4.1.3 Formatura da Turma**

Após passarem pelo período de instrução chegava o momento dos novos músicos da polícia militar participarem da grande formatura, no entanto não era apenas mais uma solenidade de formatura como as outras, era a apresentação da Banda de Música formada na região do entorno de Brasília ao comando, as autoridades e a população, momento este importantíssimo principalmente para quem garantiu uma das vagas, pois a concorrência de músicos oriundos do Rio de Janeiro aumentou a disputa; para a polícia militar, visto que aquela solenidade fortalecia o nome da instituição; para o município de Luziânia, pois apesar de ser uma instituição estadual somava para o contexto cultural do município; também para o tenente-

coronel Waldir Sebastião de Assis, pois além de ser o responsável pela implantação da banda no 10º BPM, esse momento também concretizava a realização do seu sonho. A solenidade foi diferenciada, os músicos além de desfilar e fazer o juramento, tocaram para eles mesmos, não havia músicos de outras unidades para tocar na formatura, os “novatos” é que abrilhantaram o evento.

(...) mas formamo primeiro do que eles, em três meses, quatro meses, né? (sgt Esdras: foi), foi a nossa formatura... aí formamo (sgt Esdras: a gente formou ainda tocou pra gente mesmo) na nossa formatura nós mesmo tocamos pra nós, nós mesmo tocamos pra nós...nós fizemos o desfile, saímos fizemos o desfile, paramos no local, aí deixamos os instrumentos no chão, aí fomos pra frente do palanque e fizemos o juramento...aí fizemos o juramento, aí depois retornamos, depois de ter formado, retornamos pros instrumentos marchando, aí fizemos o desfile, nós mesmo tocamos pra nós. (Firmiano p. 18)

#### 4.1.4 Preconceito e Perseguição

Depois de tanta dificuldade desde o início para conseguir chegar ao fim do curso, agora os músicos estavam efetivamente prontos para servir aos interesses da corporação de estar à frente da tropa nos desfiles, tocar em formaturas e outras solenidades. O fato de ter uma Banda de Música naquela unidade militar era inovador e atrativo tanto para solenidades militares quanto para solenidades civis, e não demorou muito para que a banda ficasse conhecida; isso gerou uma demanda pela participação da banda nos eventos não só da unidade, mas também em eventos civis, religiosos e políticos da região. Contudo, alguns policiais combatentes tinham (ainda têm) um certo preconceito em relação aos policiais músicos pelo fato de o expediente da banda ser diferente.

É a mesma coisa: são folgados, só tem meio expediente, vocês vão embora agora e não faz nada (...) nós sempre fomos tachados disso: a banda só tem meio expediente, não querem nada. (Firmiano)

Eles dão mais valor na gente quando o serviço é lá na rua, aí nós somos rei, pra fazer nosso serviço é nossa obrigação, é uma ciúmeira porque nós sai meio dia, é uma ciúmeira desgramada. (Roberto p. 20)

Em contrapartida, os músicos não esqueceram daqueles que tinham apreço pela banda, que gostavam, apoiavam e protegiam a banda, principalmente o tenente-coronel Waldir Sebastião, pois ele tinha a banda como “a menina dos olhos”:

(...) O Carlos Augusto, que fazia parte da banda, era o que servia café por comandante...tava na hora lá na sala e viu a hora que ele tava falando pro comandante; chamou ele, o aspirante: — Você sabe onde você está mexendo? Você sabe o trabalho que me deu para montar essa banda seu aspirante? Você tá mexendo na “menina dos meus olhos”! (...) (Humberto p. 22)

Ele gostava, ele mandava nós embora até mais cedo, dez horas nós, ensaiava, dez horas ele descia lá pra sala da banda e nós tocava duas, três músicas pra ele e ele pedia...tinha a música dele que ele gostava...e ele pedia a que ele gostava e ele liberava a gente. E antes, no tempo dele, tinha rancho de cabo, soldados, tinha de sargentos e tinha de oficiais e muitas vezes ele tirava soldado da banda para ir almoçar com ele, ele tirava e falava: — Hoje você vai almoçar comigo. Então muitos ficavam até com inveja da gente por que de combatente ele não fazia isso, mas a banda ele fazia ele tirava alguém da banda pra ir almoçar com ele no rancho dos oficiais, e comia do bom e do melhor. (Firmiano p. 20)

Outra situação que os músicos expuseram foi sobre a perseguição que a banda sofreu nos primeiros anos; no momento da gravação eles contaram de forma descontraída e engraçada, mas na verdade eles mesmos falaram que foi uma época muito difícil para a banda, pois eram perseguidos sem motivo. Quem conta com detalhes sobre os acontecidos é Humberto Silva, ex-integrante da banda:

(...) então ele chegou com o “nariz empinado”, ele era o único, achava que era o bam bam bam ele veio com o “rei na barriga” e começou a pisar em todo mundo, massacrar. O camarada pisava em todo mundo, não era só na banda, a banda era o alvo dele, mas o resto...não tinha ninguém na tropa que gostava desse homem; o cara...eu não sabia se

ele que usava o diabo ou diabo que usava ele, era a coisa mais ou menos assim... o homem era terrível!

Nisso o pessoal foi desgostando porque ele começou a massacrar a banda, dar “rala” na banda...todo mundo era dispensado...teve uma época que todo mundo foi dispensado, a tropa toda foi dispensada, o comando não estava mais no quartel e ele pegou a banda e deu um “rala”, um arranca-rabo na banda que o pessoal começou a cair, porque tinha um pessoal que tinha vindo de uma cirurgia recente (...)

(...) Ele vem pra cima da banda pra cima da banda, ele diz que a gente é soprador de latinha, e que nós num presta, e que vai botar a gente preso, vai ficar detido, e que tem que aprender tocar, ele acaba com a nossa raça (...)

(...) então a banda foi muito perseguida, hoje eu não sei, mas eu saí justamente por perseguição; eles tinham fechado o cerco contra a banda, foi aí que eu decidi (...)

(...) a banda não podia nem andar porque se andar ele ficasse andando era uma perseguição o pessoal lá...cortar cabelo...tava desse jeito ele pegava a gente com nada...banda tava sendo perseguida (...) (Humberto p. 21,22,23,24)

Humberto Silva (cabo Humberto) foi uma das figuras mais importantes na Banda de Música em Luziânia, foi contramestre do sargento Leônidas, era trompetista, fazia arranjos e preparou a maioria dos colegas músicos para o primeiro concurso interno de sargento; conforme ele e os demais entrevistados relatam, Humberto foi muito perseguido por defender os interesses da Banda, estas perseguições foram de tal forma que levaram o músico a sair das fileiras da corporação após sete anos de serviço; porém o respeito e admiração dos colegas músicos permanece até os dias atuais.



**Figura 1 - Foto de Humberto no pátio do 10º BPM**

Fonte: O Autor (2018).

O que também decepcionou os músicos naquela época foi a falta de apoio do regente, sargento Leônidas; apesar dele ter ajudado a implantar a banda, infelizmente no decorrer de sua gestão como regente deixou a desejar com aqueles que ele mesmo havia buscado para fazer o concurso. Conforme os relatos, ele não buscava os interesses da banda, nem mesmo protegia seus subordinados. Até mesmo quando chegou a época do concurso para sargento e cabo, ele não queria

aceitar que os seus subordinados fizessem o concurso para sargento. Ronaldo que havia lhe acompanhado na divulgação do concurso nas igrejas da região reprovou nos exames médicos do concurso da primeira turma, e quando chegou a época desse novo concurso, em dezembro de 1990, sargento Leônidas queria lhe forçar a fazer a prova para cargo cabo músico; Humberto também foi prejudicado.

(...) Aí nesse concurso nós fizemos a inscrição e podia fazer pra cabo e sargento, as duas inscrições ao mesmo tempo, e aí dependendo se você não fosse aprovado nenhuma ia ficar valendo para outro e tal porque só querendo pegar músico; só que na última hora proibiram, tinha que optar por um ou outro, e aí foi quando aconteceu a briga, o Leônidas querendo que eu fizesse pra cabo e eu eu falei que ia fazer pra sargento e ele não queria, ele obrigou a maioria lá fazer para cabo, e aí só quem enfrentou ele mesmo...que turrou que fez pra sargento, inclusive hoje sub tenente Deirdes, que tá aí, ele entrou comigo, ele veio do exército, ele era corneteiro primeira classe e ele cedeu à pressão do Leônidas e fez para cabo e ficou muito tempo...cabo Deirdes...e eu fiz para sargento e passei (...) (Ronaldo p. 27)

(...) Então quando cheguei lá na hora do concurso quem fazia parte da mesa julgadora, tinha os regentes os maestros fazem parte da mesa, na época fazia, não sei se agora faz, o Leleo foi e me prejudicou, quis prejudicar só eu não prejudicar um bocado de gente porque tinha gente, por exemplo o Ronaldo mesmo o Ronaldo ele queria que prestasse concurso pra cabo, Ronaldo: — Não, vou prestar pra sargento. Porque não podia se igualar com ele (...) Fui reprovado no concurso de terceiro sargento porque ele fazia parte da comissão de avaliação e jogou minha nota lá pra baixo, entendeu? ( Humberto p. 23)

Apesar de todas as dificuldades que a banda enfrentou desde o início, os policiais músicos não pararam sua missão, mesmo sendo desvalorizados ou perseguidos, houve quem acreditou no projeto, como o tenente-coronel Waldir Sebastião de Assis, idealizador do projeto de implantação da banda no 10º BPM.



**Figura 2 - Foto da Banda Música no pátio do 10º BPM nos anos 90.**

Fonte: (acervo pessoal Sgt Firmiano)

## 5 A BANDA A HOJE

Atualmente a Banda de Música ainda permanece ativa, participando habitualmente dos eventos no quartel e também fora dele como em festas religiosas, colégios militares e outros lugares que necessitem da parte musical para abrilhantar o evento. Porém alguns problemas acompanharam a banda até os dias de hoje e os policiais músicos padecem com tais situações.

### 5.1 SALA DA BANDA

O local onde os músicos se reúnem para ensaiar as músicas, dobrados, canções tocadas no dia-a-dia tem uma estrutura que não lhes oferece o conforto necessário para que seja desenvolvida de forma adequada seu trabalho; isso vem afetando o desempenho dos músicos, que mesmo diante dessa dificuldade se mantêm fiéis à sua profissão. Desde os primeiros anos que os músicos passam por essa dificuldade, os próprios músicos investiram para tentar melhorar a sala da banda.

(...) o local assim que nois ensaiava não era um local propício (...)  
(Humberto p. 24)

(...) agora temos local próprio, mas já foi interesse da banda ir arrumar; cê pode ir lá ver e tirar foto, cê pode ver carpete na parede e cortina foi a banda que gastou, tirou do bolso; cê pode olhar o chão lá que tem um negócio preto, nois juntou para fazer vaquinha...nós ganhamos uma geladeira agora da associação, eles prometeram e cumpriram; o alojamento nosso lá, a gente que arrumou(...) (Firmiano p. 21)

A disposição dos músicos em melhorar a sala da banda não foi suficiente, haja visto que investir em isolamento acústico, instrumentos novos tem um custo muito alto; mesmo tentando dar um jeito nas condições do local de ensaio, os músicos se queixaram do problema auditivo adquirido durante esses anos.

## 5. 2 PERDA PARCIAL DE AUDIÇÃO

No decorrer da entrevista os músicos reclamaram do problema de saúde decorrente de suas atividades dentro da banda, a perda parcial de audição. Esse problema afeta dos mais variados grupos musicais, como: bandas militares, orquestras, bandas sinfônicas, bandas márcias, fanfarras e outros grupos afins. Esse problema não está relacionado ao grupo musical em que os indivíduos estão inseridos, mas sim ao fato de ficarem expostos a níveis de pressão sonora elevados e por períodos prolongados.

A coisa mais preocupante é porque nós já temos problema de audição devido onde a gente ensaiava não tinha lugar próprio pra ensaiar, a gente sempre ensaiava em qualquer lugar e isso veio prejudicar agora; nós sempre fomos abafar disso: a banda só tem meio expediente, não querem nada. E isso é lei, isso não é nós que colocamos, isso já vem de muito tempo. A banda trabalha meio expediente porque ela trabalha com a parte intelectual, e a nossa mente tem que descansar. Vê se você consegue ensaiar três quatro horas sem parar? Cê não consegue! Aquilo vai começando e a cabeça dói, e você tem que ter meia hora, uma hora parado pra sua mente aliviar. A gente não sabia muito sobre a questão, a gente entrou na tora mesmo, todo mundo precisava de serviço, não sabia da questão, então muita gente tá doente agora (...) (Firmiano p. 20)

(...) o local assim, que nós ensaiava não era um local propício, tanto é que eu perdi audição e muita gente tá perdendo a audição por causa disso, muito barulho, ou seja, uma sala de ensaio da banda, o pessoal no mínimo no mínimo tem que colocar um fone, cada músico tem que colocar um fone pra amenizar um pouco do barulho, quem tá na frente...cê pega aquele som bem de perto dos instrumentos: trompete, trombone, instrumentos altos, aí cê pega uma sala fechada sem nenhuma acústica, entendeu? Nenhum sistema pra abafar o som né, aí o som fica o tempo todo reverberando não tem audição que guenta; cê vai no otorrino eles fala que o barulho, o excesso do barulho causa problema mesmo desde a minha época. (Humberto p. 24)

Como abordam Gonçalves, Lacerda, Zocoli, Oliva, Almeida e Iantas (2009) em seu artigo que tem por tema "Percepção e o impacto da música na audição de

integrantes de banda militar”, que traz como objetivo principal o estudo sobre problemas relacionados à audição. Neste texto o autor faz a seguinte argumentação:

Os problemas relacionados à audição dos músicos podem ser ocasionados pela exposição prolongada a níveis de pressão sonora elevados (NPSE), produzidos por instrumentos musicais, tanto nos ensaios como nas apresentações durante a semana e/ou fins de semana. Além disso, existem as horas de prática, tocando sozinho ou em diferentes grupos e também as horas extra-militares (atuando como músicos profissionais em casas noturnas, bares ou restaurantes) (GONÇALVES, 2009 P. 515 ).

Além de problemas auditivos, as vezes, os músicos também sentem tontura e dores de cabeça pelo fato de ficarem expostos a níveis de pressão sonora elevados.

### 5.3 VALORIZAÇÃO DA BANDA

Como o objetivo deste trabalho é conhecer sobre a história da banda do 10º BPM, nesse contexto os músicos expuseram a falta de apoio ao trabalho que eles desempenham dentro da corporação. Questionado sobre o assunto o regente geral da banda, capitão Ronaldo, explicou que:

A banda é centenário; eu tenho relatos da Banda de Música desde mil oitocentos e trinta e um, nos territórios goianos já se falava de banda militar; então era uma entidade que é da cultura do povo e já tá no meio dos festejos populares, festejos religiosos, no meio dos eventos da própria caserna, onde você tem as atividades, os embates, a banda ia à frente para poder anunciar que ia chegando pelotão de polícia ou a bandeira de quem ia chegando para batalha; a banda sempre fazia esse papel, tocar seus dobrado, puxar tropa; tanto é que hoje a banda continua à frente da tropa, quem puxa o desfile é a banda. Porém, os atuais dirigentes tanto da corporação como o estado e a sociedade em si não valoriza e não reconhece esse trabalho. A gente tem lutado aí a tempo pra tentar fazer com que este trabalho possa ser aflorado e despertar, nesses que estão à frente, a importância desse reconhecimento; eu falo que não é reconhecido por que a banda da polícia de Goiás, nós temos uma fração dela, que a banda da cidade de Goiás ela é tombado como patrimônio mundial, ou seja, seria um marco no reconhecimento histórico da banda, porém a realidade é inversa, hoje a banda de Goiás está apenas com quatorze músicos até dois mil e vinte, pelo levantamento eu fiz, ela vai deixar de existir e eu já tentei de e não consigo reincluir músico pra fazer pelo menos a aquela banda lá continuar ativa.

Nós continuamos trabalhando, continuamos sendo importantes, mas estamos definhando perdendo a nossa importância e não estamos sendo reconhecidos, apenas no momento de fazer uso da banda, quando você tem uma solenidade, há necessidade de convocar banda, aí sim, aí é o reconhecimento, mas dificilmente passa o comandante que vai lá saber: quantos vocês são? Onde vocês estão

ensaiando? A sala que vocês tem ensaio tem um isolamento acústico? Os instrumentos de vocês tem quanto tempo de uso? Tem o transporte pra adequado? Não! Ninguém vai perguntar isso; e a gente como regente, mesmo oficial intermediário corre atrás e só porta fechada, porque a prioridade da corporação é outra, é segurança e não arte, mas eles esquecem que **a banda é uma ferramenta de relacionamento público. É a banda que leva a polícia, leva o estado à comunidade**; então onde eu chego que tem dez mil pessoas no evento de desfile, por exemplo, a banda passa é o estado que tá passando, é a polícia que tá passando e isso aí não é visto infelizmente.

A gente tem tentado a correr atrás desse reconhecimento mudando inclusive, a maneira de atuar; hoje nós estamos aí com concerto de aniversário da polícia, que é um marco, o concerto no parque já está virando tradição a gente começou a mudar, tirar o concerto de auditório e levar ele pra praça justamente para atrair a comunidade e mostrar comunidade essa importância que nós temos; a comunidade sim valoriza, nos dá a resposta que todo artista necessita, porém a comunidade não tem como nos apoiar com relações técnicas, quem tinha que fazer isso era o governo, era polícia. Infelizmente nós corremos o risco, como é o tema do meu trabalho "música sendo dissipada pelo tempo", gente trabalha com essa temática em que a história vai dissipando, em que o tempo dissipando, o decorrer dos anos vai "dilapidando" a Banda de Música e nós vamos esmaecendo nossas forças até chegar ao ponto de não existir mais. Então não somos reconhecidos por quem deveria, que é o nosso patrão: o estado e a polícia, porém a comunidade nos reconhece, nos apoia, nos auxilia, nos usa; o ano passado nós atendemos mais de quatrocentas mil pessoas no Estado de Goiás só a banda da capital; então com relação ao reconhecimento é esse é o depoimento que eu tenho para te dizer.

O que Capitão Ronaldo trata na entrevista é referente banda no contexto geral; com o passar dos anos a Banda de Música tem perdido valor dentro da própria corporação. Especificamente na banda do 10º BPM, os músicos disseram que a banda tem mais valor quando são empregados no serviço operacional ou nos serviços de obra no quartel.

Eles dão mais valor na gente quando o serviço é lá na rua, aí nós somos rei, pra fazer nosso serviço é nossa obrigação, é uma ciúmeira porque nós sai meio dia, é uma ciúmeira desgramada. (Roberto p. 20)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou estudar sobre a início da Banda de Música do 10º BPM em Luziânia, a fim de manter a historicidade dessa fração da polícia militar em evidência; também apresentou as dificuldades enfrentadas no decorrer desses quase trinta anos de existência, assim como teve o intuito de levar ao conhecimento corporação que a música não deixou de ser importante dentro dos quartéis; como relataram os entrevistados, a Banda de Música tem sido esquecida dentro da maioria das unidades da polícia militar de Goiás não sendo reconhecido o seu devido valor principalmente pela falta de investimento. Alguns músicos que fazem parte da fundação da banda em Luziânia irão se aposentar em dois mil e dezenove e seus relatos foram importantíssimos para a construção desse trabalho pois eles contaram o que viveram; sem eles, talvez, os acontecimentos de quase três décadas que falam da implantação da banda poderiam ser dissipados ao passar dos anos, porém com os relatos inseridos neste trabalho a história já tem seu começo registrado.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, V. M. (2002). *ecb defesa*. (U. M. **Trabalho de Conclusão de Curso-DOUTORADO**, Ed.) Acesso em Mar de 2018, disponível em [ecsbdefesa.com.br](http://ecsbdefesa.com.br): <http://ecsbdefesa.com.br/fts/MUSICAMILITAR.pdf>.

GOIÁS, P. M. (01 de Dez de 2017). *acervo digital*. (P. M. Goiás, Ed.) Acesso em 20 de 03 de 2018, disponível em [acervodigital.ssp.go.gov.br](http://acervodigital.ssp.go.gov.br): <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/handle/123456789/408>.

GONÇALVES, C. G., LACERDA, A. B., ZOCOLI, A. F., OLIVA, F. C., ALAMEIDA, S. B., & IANTÁS, M. R. (2009). **Percepção e o impacto da música na audição de integrantes**.

*Rev. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 515. Acesso em Mai de 2018, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v14n4/a15v14n4.pdf>.

MENDONÇA, B. S. (1981). ***A Música em Goiás*** (2<sup>o</sup> ed.). Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Acesso em Abr de 2018.

PASSOS, H. (15 de 02 de 2018). ***Eblog***. Acesso em 01 de Mar de 2018, disponível em <http://eblog.eb.mil.br>: <http://eblog.eb.mil.br/index.php/a-musica-militar-e-sua-harmoniosa-missao>.

ROCHA, R. P. (2010). ***A História Dissipando a Arte: Trajetória da Banda de Música da Polícia Militar do Estado de Goiás***. Goiânia, Goiás, Brasil. Acesso em 14 de Mar de 2018.

## APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### **Entrevista com Sgt Firmiano, Sgt Roberto e Sgt Esdras**

**Como foi o início da banda?**

**Sgt Firmiano:** Assim que passou a ser batalhão, eu acho que deve ter dado prazo muito pouco...porque a banda aqui foi ( nós somos o primeiro pelotão de banda do 10º Batalhão a ser formado, então assim que a ser batalhão já se formou a banda, porque antes era companhia aí passou a ser batalhão, quando passou a ser Batalhão Alvorada, aí a banda já entrou. Foi um dos maiores “pelotão” que teve de formação (**Sgt Esdras:** quarenta músicos) da nossa época dos vinte e um mil...então vinte um mil nessa época era muito e nós fomos os primeiros...cê pode ver que hoje as pessoas quando entra, é, entram combatente e depois que forma aí vai pra banda...e nós não, nós fomos primeiro pelotão de banda, é, especialista formado ( **Sgt Esdras:** do entorno aqui...do entorno) do entorno.

### **Vocês Foram formados junto com o pessoal combatente?**

Não...nós fomos separados. Nós nós vivemos juntos e tudo, mas formamos primeiro do que eles, em três meses, quatro meses, né? (**Sgt Esdras:** foi), foi a nossa formatura... aí formamos (**Sgt Esdras:** a gente formou ainda tocou pra gente mesmo) na nossa formatura nós mesmo tocamos pra nós, nós mesmo tocamos pra nós...nós fizemos o desfile, saímos fizemos o desfile, paramos no local...aí deixamos os instrumentos no chão...aí fomos pra frente do palanque e fizemos o juramento...aí fizemos o juramento...aí depois retornamos, depois de ter formado, retornamos pros instrumentos marchando, aí fizemos o desfile, nós mesmo tocamos pra nós.

### **Quantos eram na primeira turma?**

**Sgt Esdras:** No primeiro curso de formação nós era quarenta...muitos passaram no curso do do...que as forças armadas na época...aí muita gente passou né? Na polícia de Brasília, bombeiro...meu irmão foi pro bombeiro (**Sgt Firmiano:** o irmão dele foi pro bombeiro do DF, um outro... “Molinha” que a gente chamava de de...como é que? Homem de ferro (**Sgt Esdras:** cara de ferro, tá na polícia de Brasília) também foi pra Brasília, o Leonardo que era daqui foi pra Brasília, o Paulinho que era tocador de trombone foi pra Brasília, o Gomes foi pra Brasília, Donizete, Almeida.

Esses músicos que foram para outras instituições se arrependeram de ter deixado a banda?  
**Sgt Esdras:** Não. Na época polícia de Brasília tava ganhando um salário e meio. Um guarda lá ganhava mais do que a gente na época...guarda de banco...esses negócio...ganhava mais que a gente.(**Sgt Firmiano:** Pode ter arrependido do Exército, porque do Exército até hoje num é melhor do que nós.)

**Sgt Esdras:** Aí...entrou no governo do...melhorou no governo do...do (**Sgt Roberto:** Marconi) Marconi pra cá.

**Sgt Roberto:** Depois que nós saímos da mão do Íris e do Maguito, misericórdia! Aí melhorou, hoje tá bem melhor, não tá igual Brasília, mas tá bem melhor.

**Sgt Firmiano:** Hoje cê vê polícia andando de “carrão”...cê num via... polícia andando de Hillux, antigamente...o único que tinha antigamente só o comandante nosso que era coronel que tinha um Corcelzim laranja e o capitão Jurair que tinha um Monza vinho, esses dois era os melhor carro que tinha.

**Sgt Esdras:** A gente ganhou umas casinha lá no Jofre Parada, na época a gente vinha de bicicleta pra cá porque não tinha condições...o salário...era menos de um salário.

**Sgt Firmiano:** E outra: Isso porque eu, na época eu ia casar, não casei por causa de trinta que vieram do Rio né...trinta cariocas que vieram do Rio e vieram hospedado na minha casa. Porque é o seguinte: o Moisés, irmão do sargento Mauro, foi no Rio e falou que ia abrir o concurso pra banda, e vieram muitos do Rio, vieram muita gente do Rio pra cá pra entrar na banda, só que quando eles chegaram no quartel o quartel lá era precário, cê olhava pro telhado assim cê contava as estrelas, e eu morava sozinho, morava perto da Vila Portuguesa, no Parque da Inspiração, morava sozinho, morava de aluguel morava sozinho, porque eu ia casar...aí quando eles chegou...meu primo chegou com um lá que também queria entrar na banda...aí chegou com um e falou: olha! Tem como ele ficar aí? Eu falei: beleza! Pode ficar aí.

Quando foi mais tarde que eu saí pra trabalhar, que eu trabalhava na metalúrgica Matarazo antigamente, porque por enquanto só tava fazendo assim pra chamar...aí trabalhava na metalúrgica Matarazo...e aí eles foram chegando...quando eu cheguei em casa tinha mais três...aí falou: Ó! Nós temos mais esses aqui. Aí foi chegando, foi chegando, quando pensou

que não, tinha trinta! Trinta lá dentro de casa. Aí foi...a muvuca, mas conviveram os trinta...aí depois veio a separação...assim...foram fazer...nós fomos fazer e foi eliminando quem ficava, quem não ficava.

**Sgt Esdras:** Tinha uns que ficava lá que não conseguiram passar na prova e retornou pro Rio.

### **Nesse período que ficaram na casa do senhor, o senhor já tinha entrado na banda?**

**Sgt Firmiano:** Não não...nós ainda tava no processo...(**Sgt Esdras:** processo seletivo) nós tava no processo, porque como ia ser a primeira formação...eu trabalhava na metalúrgica Matarazo, e aí de manhã eu vinha trabalhar, eles ficavam em casa...nós era pra entrar...então muitos deixou o emprego lá e veio pra casa, não tinham onde comer, não tinha onde ficar...e ficaram lá em casa...aí os vizinhos, alguém...nós fazia vaquinha pra ajudar, pra eles comer.

**Sgt Roberto:** A banda quando veio...teve que terminar essa obra aí...a gente quase que parou ne Esdras? (**Sgt Esdras:** É...só tinha os...o prédio principal tava feito, onde fica a escola de vocês, esse prédio aí já tava feito, já tava pronto, só que a gente teve que fazer acabamento de pista...) quase que parou, mas não parou né...a banda ficou aí até hoje...(**Sgt Firmiano:** Até hoje ela, faz o serviço dela e faz obra né...cê já viu aí que a gente reformou ali né)...agora tem que destacar uma coisa aí...a gente faz o serviço nosso, o serviço operacional, mas eles fazem o nosso...deixa isso bem destacado isso aí...entendeu? (**Sgt Firmiano:** Nós somos a única banda considerada operacional é a nossa porque fazemos o serviço que eles fazem, mas eles não fazem o nosso.)

### **De quem partiu a ideia de implantar a banda no 10º BPM?**

**Sgt Firmiano:** Foi o coronel Valdir Sebastião. Ele era comandante da companhia e quando passou ser coronel ele foi o comandante, e partiu dele...aí como partiu dele, que ele queria uma banda aqui, aí veio o sargento Lêonidas, e junto com ele procurou o prefeito, o prefeito na época era o Zequinha Roriz...(**Sgt Roberto:** Gostou da ideia.)...gostou da ideia...ele que doou o dinheiro pra nós comprar os instrumentos. Os primeiros instrumentos que nós tivemos aqui foi doação do prefeito...da prefeitura... de Zequinha Roriz, então ele também faz parte também da nossa história da banda, porque ele foi o doador.

### **Os instrumentos eram novos?**

**Sgt Firmiano:** Eram todos novos, na caixa, cada um pegou o seu instrumento novinho, era até marca que a gente não conhecia, porque a gente queria Weril ou Yamaha...o sonho de todo músico tocar um desses instrumentos ...mas veio um instrumento da marca Bentley que quase ninguém conhecia, mas foi doação deles. Nós tocamos dez anos com eles, dez anos...então eles seguraram dez anos nesse batidão. Depois vieram outras doações, essa outra remessa, já tem um bom tempo também... esses amarelos que tem aqui, já foi do banco do Brasil. Veio a ajuda de muita gente.

### **Quem não conhece sobre banda de música tem um certo preconceito. Como era no início da banda?**

É a mesma coisa: são folgados, só tem meio expediente, vocês vão embora agora e não faz nada, nós sempre fomos tachados disso: a banda só tem meio expediente, não querem nada.

**Sgt Roberto:** Eles dão mais valor na gente quando o serviço é lá na rua, aí nós somos rei, pra fazer nosso serviço é nossa obrigação, é uma ciúmeira porque nós sai meio dia, é uma ciúmeira desgramada.

**Sgt Firmiano :** A coisa mais preocupante é porque nós já temos problema de audição devido onde a gente ensaiava não tinha lugar próprio pra ensaiar, a gente sempre ensaiava em qualquer lugar e isso veio prejudicar agora. E isso é lei, isso não é nós que colocamos, isso já vem de muito tempo. A banda trabalha meio expediente porque ela trabalha com a parte intelectual, e a nossa mente tem que descansar. Vê se você consegue ensaiar três quatro horas sem parar? Cê não consegue! Aquilo vai começando e a cabeça dói, e você tem que ter meia hora, uma hora parado pra sua mente aliviar. A gente não sabia muito sobre a questão, a gente entrou na tora mesmo, todo mundo precisava de serviço, não sabia da questão, então muita gente tá doente agora...então a banda de música foi bom, ajuda todo mundo aqui no quartel, mas agora, por final, pra aposentar tá todo mundo ruim, doente.

### **E em relação ao apoio do comando?**

**Sgt Firmiano:** Olha ela é um pouco...assim não é muito perto e também não é muito longe, não é perto igual é pra combatente e também não é muito longe. Igual fala... a banda parece que não é muito bem vista, que a gente não faz nada, tem meio expediente né? E sempre precisa da banda como sempre precisa de combatente pra fazer...ajudar na obra, a gente sempre faz uma troca, a gente ganha as folgas né? A gente ganha as folgas.

**Sgt Esdras:** Os comandante aí o interesse deles é mais para a área de combater, combatente, eles olham mais para combatente, mas pra banda eles num olha não, o interesse é só pra rua.

**Sgt Roberto:** O melhor comandante nosso foi o coronel Anjo...três anos e três meses né? Quando o cara gosta de música, ele gosta, e ele gostava.

**Sgt Firmiano:** Ele gostava, ele mandava nós embora até mais cedo, dez horas nós ensaiava, dez horas ele descia lá pra sala da banda e nós tocava duas, três músicas pra ele e ele pedia...tinha a música dele que ele gostava...e ele pedia a que ele gostava e ele liberava a gente. E antes, no tempo dele, tinha rancho de cabo, soldados, tinha de sargentos e tinha de oficiais e muitas vezes ele tirava soldado da banda para ir almoçar com ele, ele tirava e falava: — Hoje você vai almoçar comigo. Então muitos ficavam até com inveja da gente por que de combatente ele não fazia isso, mas a banda ele fazia ele tirava alguém da banda pra ir almoçar com ele no rancho dos oficiais, e comia do bom e do melhor.

Hoje a gente, graças a Deus...tá bem? Tá ruim não, tá bem, mas falta ainda mais reconhecimento pelo que nós faz e acha que a gente fazemos pouco, mas nós fazemos combatente. Hoje tem muitos aí pela junta médica devido os problemas que vem causando no dia-a-dia...de não ter local próprio para ensaiar, porque hoje...agora temos local próprio, mas já foi interesse da banda ir arrumar; cê pode ir lá ver e tirar foto, cê pode ver carpete na parede e cortina foi a banda que gastou, tirou do bolso; cê pode olhar o chão lá que tem um negócio preto, nois juntou para fazer vaquinha...nós ganhamos uma geladeira agora da associação, eles prometeram e cumpriram; o alojamento nosso lá, a gente que arrumou. Então falta muito, mas tá bom.

### **Entrevista com Humberto Silva ( ex- músico da banda)**

#### **Estou fazendo meu TCC sobre o início da banda e eles falaram que o senhor tem uma grande parcela nessa história. O senhor pode contar pra mim como foi?**

Eu entrei na corporação nos anos oitenta, eu fiquei sete anos na corporação. Quando eu entrei, eu formei na companhia aqui em Luziânia, aqui em Luziânia, depois fui transferido pro primeiro batalhão, lá no Anhanguera, e lá eu pertencia a banda do primeiro batalhão, eu fiquei lá, fiz o curso de cabo lá prestei o concurso de cabo na banda...aí com tempo, montaram a banda aqui, coronel Waldir, na época era major, tinha sido promovido...então já tava na fase de mudar de companhia pra décimo batalhão...então ele foi promovido a tenente-coronel, e ele mesmo montou a banda aqui, mas com o maior sacrifício do mundo! Ele teve que pedir ajuda aos empresários pra comprar os instrumentos porque o estado, na época, não tinha dinheiro em caixa pra comprar esses instrumentos, então ele foi nos empresários aqui de Luziânia e conseguiu a doação de um de outro até que conseguiu todos os instrumentos. Ele tava o homem mais feliz do mundo! A banda pra ele era a "menina dos olhos dele". Então ele começou a trabalhar pra conseguir os homens né...pra vir né...aí teve que abrir um concurso e nesse concurso veio uma turma boa lá do Rio de Janeiro pra cá pra compor a banda, então eles fizeram o concurso, prestaram concurso pra soldado, e eu pedi minha transferência de Goiânia de volta pro décimo batalhão pra cá; se eu não me engano aqui era segunda companhia... um negócio assim. Aí quando eu cheguei aqui a banda estava no comando do sargento Leônidas, segundo sargento Leônidas, e como eu era cabo, então só tinha eu na banda, de graduado só ele como segundo sargento e eu como cabo. Então começamos a trabalhar, começamos a trabalhar e ele não tinha assim... não era aquele regente, aquele maestro perito e tinha assim... uma certa...técnica para poder ensinar os músicos; pegava o negócio assim...era no "vamos quem chega primeiro"... vamos lá! Põe a boca no trombone aí! Vamos ver o que dá aí! E pronto...e o que dava era aquilo, ou seja, ele não colocava

tempero, é como cê fazer uma comida e não botar tempero, tocava um negócio assim... uma hora tava sem tempero outra hora tava salgado demais, uma hora com sal outra hora sem sal... então era uma coisa bagunçada. Aí quando eu ia para agência da banda, quando ele não estava eu ia pra regência da banda, aí era outra coisa porque eu vim do primeiro batalhão, os maestros lá ensinaram, e eu fui para a escola de música, conservatório; eu fui estudar, me aprimorar e esse aprimoramento é que me deu essa base. Então o quê que acontece...quando eu ia ensaiar banda eu tinha mais critérios nos ensaios: era compasso por compasso, o que tinha compasso mais complicado e eu pegava compasso por compasso, naipe por naipe... vamos lá! Bem devagarzinho! Se o negócio era corrido, era bem devagarzinho, bem lento. Coloca tudo debaixo do dedo! Colocou debaixo do dedo? Agora nós vamos no andamento normal... então os ensaios eram assim.

Mas nós tivemos aqui, logo no início, logo nos primeiros anos veio o aspirante Cleber veio para cá, camarada ele...na história da academia, na história da centenária da academia nunca ninguém teve tirou nota máxima como aluno oficial na academia com esse camarada...então ele chegou com o “nariz empinado”, ele era o único, achava que era o bam bam bam ele veio com o “rei na barriga” e começou a pisar em todo mundo, massacrar. O camarada pisava em todo mundo, não era só na banda, a banda era o alvo dele, mas o resto...não tinha ninguém na tropa que gostava desse homem; o cara...eu não sabia se ele que usava o diabo ou diabo que usava ele, era a coisa mais ou menos assim... o homem era terrível!

Nisso o pessoal foi desgostando porque ele começou a massacrar a banda, dar “rala” na banda...todo mundo era dispensado...teve uma época que todo mundo foi dispensado, a tropa toda foi dispensada, o comando não estava mais no quartel e ele pegou a banda e deu um “rala”, um arranca-rabo na banda que o pessoal começou a cair, porque tinha um pessoal que tinha vindo de uma cirurgia recente e como eu era o contra mestre... (e o mestre da banda lá da guarita só olhando falou nada)...e eu tava em forma porque ele tinha mandado eu entrar em forma; parou na minha frente e eu falou no meu interior assim para Deus: — Senhor! Cala esse homem ou eu vou “estourar” ele agora! Ou senhor cala ele agora ou eu vou “detonar” ele agora. Foi a hora que apareceu o capitão Valentim, não foi? Tava no alojamento... ele ouviu os gritos desse aspirante dando um “rala” né? E o aspirante Valentim e chegou no portão lá do...onde era o alojamento de oficiais e gritou: — Aspirante Cleber! Aspirante Cleber! Cê tá maluco rapaz? Dispensa essa banda agora! Foi aí que ele dispensou a banda, mas o pessoal já queria pegar ele na rodoviária...não pega não! Vamos pegar ele na rodoviária, fazer um acerto de contas! Aí eu falei pra eles: — Ó! Não faz isso não porque não vai ficar legal! Amanhã fulano e fulano vocês vão procurar um médico, vocês vão trazer um laudo médico que eu vou entrar com uma representação contra esse aspirante no EMFA! Na época existiu o EMFA. Falei: — Vou lá no exército entrar contra ele! A bomba vai vir do Exército pro Comando Geral!

Aí veja bem...no outro dia era formatura era a formatura, o desfile da tropa, eu botei a banda todinha em forma sem instrumento e falei assim: — Ninguém hoje dá uma nota enquanto o comandante não saber, então fica todo mundo preso! Tava todo mundo decidido, porque tudo que eu decidia eles tavam comigo porque eu tinha eles como meus filhos; eu tratava bem, eu cuidava deles, Leléó já deixava a pancada vir... ele sabe saía e falava assim: — Pode bater! Não pegando nele, ele falava assim: — Pode bater desce o cacete! Mas eu já era o contrário já não deixava bater podia vir pessoa da patente mais alta que a minha; teve uma vez que nós estávamos em forma todo mundo de educação física, e eu fazendo chamada da banda...era na quarta-feira, aí entra um segundo lá do provisionamento...ele entra: — Que banda folgada essa? Cessou à vontade! Eu falei: Cessou a vontade não! A banda está no meu comando. Eu era cabo o cara era segundo sargento, falei: —Cessou à vontade não! a banda está no meu comando. Uai cabo que negócio é esse? E ele no meio da banda querendo botar morar na banda...falei: — A banda se apresenta para o P1! A banda está no meu comando, consulta lá no seu departamento este apartamento está no meu comando! Ele falou: — Vou comunicar! Falei: — Faça comunicação. Fica à vontade! Então eu tinha um domínio para proteger, coisa que o Leléó não fazia. Então tudo bem...que acontece...a banda entrou em forma sem Instrumentos, e lá na companhia de onde eu estava, eu sair para apresentar pro Leônidas, eu fui apresentar a banda, coloquei a banda em forma e tal...mandei esquerdar...todo mundo na posição sentido, e fui lá apresentar para o Leônidas, regente. Aí ele olhou para banda assim...e a tropa toda em forma esperando pro desfile...esperando o

comandante em forma pra poder desfilar... já preparado para o desfile. Ele olhou para a banda: — Uai! Por que essa banda tá assim? Quem foi que deu a ordem pra essa banda entrar em forma sem instrumento? Falei eu dei a ordem! Uai cabo, você ficou doido! Falei: — Não! Fiquei doido não! Doido eu fiquei mesmo foi ontem porque aquele “sujeitinho” esse aspirantezinho folgado (falei alto porque a sala que ele trabalhava era na P1, eu tava de frente à sala dele e falei alto para ele ouvir e a sala do sub-comandante aqui do lado da... tava todo mundo me ouvindo... comandante tava lá dentro... comandante, sub-comandante...tava todo mundo lá eu falei alto: — Ele é folgado! Nós estamos aqui... esse pessoal que tá aqui todo mundo prestou concurso, ninguém entrou aqui de favor não para ele vir massacrar o pessoal! Isso aqui ontem tava parecendo concentração do Vietnã! Falta de respeito! Ele falou: — Cabo, cabo! Calma cabo que você está nervoso! Tô nervoso, tô nervoso sim, e se ele passar perto de mim agora eu estouro ele!— Falei desse jeito. Calma, calma! Deixa que eu falo com comandante, eu vou conversar com comandante! Eu falei: — O senhor vai conversar com comandante? Então o senhor fala pro comandante o seguinte: o dia que ele passar por mim e falar que eu sou bonito, bonito! Eu “estouro” ele! Eu não quero papo com ele não. Eu respeito a divisa que ele tem no ombro, mas como um homem, para mim ele é um moleque! Permissão para me retirar? Banda fora de forma! Aí ele foi e contou para o comandante. O Carlos Augusto, que fazia parte da banda, era o que servia café por comandante...tava na hora lá na sala e viu a hora que ele tava falando pro comandante; chamou ele, o aspirante: — Você sabe onde você está mexendo? Você sabe o trabalho que me deu para montar essa banda seu aspirante? Você tá mexendo na “menina dos meus olhos”! Eu posso atrasar sua promoção e te mandar pro “bico do papagaio”! Não mexe com a banda! Aí foi que a fúria dele, aí que ao invés de controlar, aí que ele ficou furioso...aí que ele ficou furioso. Quando era...ele sempre era o comandante do porta-bandeira, ele nunca acertava o rompimento de marcha...quando a banda chegou ali ó: tam tam tam tam tam tam tam tam, booom! (Humberto cantarolou)...ele não acertava aquilo ali, ele errava... uma vez a gente tava em Formosa ele errou lá; ele errou e já veio...largou o porta-bandeira, já veio com a bandeira nas costas: — Esses “soprador de latinha”! Vocês não sabem... aí chegou para o sargento falou: — Você tem que ensaiar esse negócio direito! Que negócio é esse? Que bagunça é essa? O Leléio tinha medo dele e ele saía...aí eu sei que o Leléio falou assim: — Pois é pessoal...gente vamos dar um jeitinho. Eu falei: — Sargento deixa eu dizer uma coisa para o senhor: a música é uma matemática, é uma conta exata, não tem como dar jeitinho não! Ele é que tem que dar um jeitinho lá e acertar esse passo! Ninguém vai dar um jeitinho aqui não; a música é uma matemática, a matemática não tem negócio de jeitinho não, dois mais dois é quatro e cabou! Três mais dois é cinco e cabou! Aí que ele ficou mais...rapaz ele chegou para mim falou: — Ou você sai, pede seu licenciamento, ou vou acabar com você! Vou te jogar no mal comportamento até você sair daqui expulso! Chamou em particular; e eles sabiam de tudo, a banda sabiam de tudo porque tudo eu falava para eles; e a banda ficou um espaço no quartel a banda não podia nem andar porque se andar ele ficasse andando era uma perseguição o pessoal lá...cortar cabelo...tava desse jeito ele pegava a gente com nada...banda tava sendo perseguida.

Aí tivemos o concurso pra terceiro sargento, preparei e esse turma toda eu ensaiando eles, inclusive Ronaldo que hoje é capitão tava hoje é o comandante geral das bandas, geral de todas as bandas...todo mundo presente; eu tava ensinando eles e todo mundo sabia que eu ia sair terceiro sargento...na regência...não vou gabar minha regência, eles mesmos falavam como era minha regência; eu tinha uma certa habilidade com trompete. Então quando cheguei lá na hora do concurso quem fazia parte da mesa julgadora, tinha os regentes os maestros fazem parte da mesa, na época fazia, não sei se agora faz, o Leleio foi e me prejudicou, quis prejudicar só eu não prejudicar um bocado de gente porque tinha gente, por exemplo o Ronaldo mesmo o Ronaldo ele queria que prestasse concurso pra cabo, Ronaldo: — Não, vou prestar pra sargento. Porque não podia se igualar com ele; e eu quando ia para a regência que ele não dava conta, Esdras tá aqui pra confirmar, ele não dava conta do negócio eu falava: — Sargento! não é assim não, aqui a divisão é essa. Ele então: — Vem cá! Quando ele me entregava a batuta todo mundo falava assim: — Agora Sai! Agora vai agora vai sair. Ele já sabia o impacto eu e ele pegava do meu jeito, conclusão: Fui reprovado no concurso de terceiro sargento porque ele fazia parte da comissão de avaliação e jogou minha nota lá pra baixo, entendeu? tudo bem...aí teve a inauguração daqui ó do batalhão quem veio para cá. Ah! antes disso nós preparamos para um inauguração da companhia lá no Valparaíso no

Valparaíso que que acontece lá no Valparaíso.. antes dessa inauguração eu ensaiei a banda, porque o Leleo tinha ido pra Goiânia para resolver assuntos particulares, ensaiei a banda...eu peguei o corneteiro, que hoje é o sub tenente Marques que tá na reserva, peguei o corneteiro ensaiei os toques, todos os toques que dá início e um desfile, o início da cerimônia, todos os toques foi fazendo os toques e eu encaixando as músicas, ensaiei o refrão, ensaiei aquela parte (cantarolou)... eu fazia (cantarolou)...lentamente põe tudo debaixo do dedo (cantarolou)...não tem pressa não agora um pouco mais rápido (cantarolou)...agora mais rápido (cantarolou)...então você tá entendendo? Deixei tudo...a bateria, o pessoal da percussão botei todos, as pessoas que eram oficiais dos cargos todos eles estavam nos instrumentos; no dia do desfile nós tamos lá, no dia "H" no dia "pronto para" lá no Valparaíso Leleo trocou a percussão; na hora que o porta-bandeira tava vindo de lá pra incorporar a hora que a gente parou de frente a tropa, aí o hino nacional né? Na hora de tocar o hino aí o Leleo vai e pega os caras da percussão e troca tudo, eu disse: — Sargento não faça isso não! Ele troca tudo e não era pra trocar porque tava todo mundo na posição de sentido, em continência à bandeira e ele fez aquele "revirexo"... e fulano passa o prato pra um e outro passa o tarol para outro, bumbo pra um...são detalhes para você entender o que deu na na frente entendeu? aí tudo bem...aí tocou o hino nacional, e isso fazemos essa movimentação o povo andando; falei: —Sargento! não faça isso não sargento! O capitão tá aqui. O capitão que era o comandante do pelotão pra marchar em continência ao comando. Tava ali o comando geral da polícia do DF, o nosso tava aqui...as autoridades estavam todas lá... estavam lá para a cerimônia de inauguração e o sargento fez aquela bagunça, aquele negócio todo na hora de ir pro desfile; aí na hora do desfile nós tava em linha virado pra o palanque, o corneteiro tinha que dar "direita volver" pra depois dar o "ombro arma" pra depois dar toque de rompimento de marcha; quando ele deu "direita eu volver tudo bem...aí "ombro arma"...quando deu o "ombro arma" o cara buuum no bumbo, foi para desfilar e o sargento: — Batista de Melo! Meu filho já estavam tocando Batista de Melo e o pessoal pegando a arma e botando no ombro, botando arma no ombro e marchando, foi a bagunça que deu; a banda ficou detida esse aspirante chegou e deu "catracada" na banda.

Aí foi a inauguração daqui (10º BPM), na inauguração daqui como já sabia que ele errava o rompimento de marcha, aí quem veio de lá pra cá por causa desse negócio que deu lá no Valparaíso...o comandante daqui, que era o coronel Waldir, pediu que o comandante geral da banda, o capitão Silva, viesse reger a banda porque ele não queria que desse outro vexame, capitão Silva veio e quando o capitão Silva veio eu contei tudo pra ele: — Capitão tá acontecendo assim, assim e assim e tem um aspirante por nome de Kléber que ele é o porta bandeira, ele é o oficial porta bandeira de todas as cerimônias e ele erra no rompimento de marcha. Ele vem pra cima da banda pra cima da banda, ele diz que a gente é soprador de latinha, e que nós num presta, e que vai botar a gente preso, vai ficar detido, e que tem que aprender tocar, ele acaba com a nossa raça. Ele disse: — Ah é? Pode deixar. O Leleo era baixinho, o capitão mais ou menos da minha altura; veja bem o capitão silva falou: — Pode deixar comigo.

Nós fizemos uma viagem e viemos pra ensaiar pro desfile aqui, a cerimônia de inauguração daqui seria no dia seguinte; então no ensaio foi que aconteceu o episódio, só que o aspirante não percebeu que quem tava frente banda era o capitão, ele pensava que era o Leleo, segundo sargento. Aí o refrão tal...que pra mim é uma das músicas mais emocionantes, quando começa tocar aquele rufo: bumbo, tarol, as cornetadas (cantarolou) aquilo me arrepiava! Aí tudo bem, fomos pro refrão, e isso era apenas um ensaio, e a tropa toda ali postada; de repente, quando chega no rompimento de marcha, ele erra de novo, larga ao porta-bandeira lá e vem com a bandeira nas costas já gritando do mesmo jeito: — Vocês não aprendem seus "soprador de latinha"! Quando é que vocês vão aprender? Eu vou ter que prender todos vocês, e vai ser no boletim. Ele também não percebeu que o major Herculano, que era o sub comandante, tava no ensaio, o major Herculano falou assim: — Aspirante! Você tá doido aspirante? Presta atenção! Olha quem está na frente da banda. Aí o capitão virou assim ó, aí ele viu as estrelas né? O capitão estendeu a batuta assim, ele cortou a música e estendeu a batuta: — Vem aqui seu nanico reger a banda! Você sabe reger banda? Vem cá. Então a banda foi muito perseguida, hoje eu não sei, mas eu saí justamente por perseguição; eles tinham fechado o cerco contra a banda, foi aí que eu decidi.

### **Quando o senhor chegou em Luziânia como era a estrutura, o pessoal?**

O pessoal, eles tinham, o povo era unido, só que nois sofria muito no sentido assim de quando o sargento Leone ele assumiu a banda, ele era grosso, ele não sabia trabalhar em equipe, banda é harmonia a música já é harmonia, entendeu? o local assim que nois ensaiava não era um local propício, tanto é que eu perdi audição e muita gente tá perdendo a audição por causa disso, muito barulho, ou seja, uma sala de ensaio da banda, o pessoal no mínimo no mínimo tem que colocar um fone, cada músico tem que colocar um fone pra amenizar um pouco do barulho, quem tá na frente...cê pega aquele som bem de perto dos instrumentos: trompete, trombone, instrumentos altos, aí cê pega uma sala fechada sem nenhuma acústica entendeu? Nenhum sistema pra abafar o som né, aí o som fica o tempo todo reverberando não tem audição que guenta; cê vai no otorrino eles fala que o barulho, o excesso do barulho causa problema mesmo desde a minha época.

### **Entrevista com capitão Ronaldo (regente geral da Banda)**

#### **A banda tem sua importância reconhecida hoje?**

Primeiro que falar da importância da banda isso requer uma certa mudança nos hábitos da própria comunidade nós hoje temos uma comunidade que não tem mais costume e valorizar o passado; é uma comunidade consumista que quer que as coisas ocorra no presente se resolva no presente e, além de não se preocupar com futuro, as ações são voltadas apenas para o imediatismo e principalmente o que passou dificilmente você vai encontrar alguém que faça como os gregos, os gregos por exemplo, eles têm algo que eles chama de "dejavu" que é o olhar para trás, eles não olham para o futuro, eles olham para trás, e através desse olhar para trás e que eles tomam as ações deles no presente de maneira que ao olhar para trás eu vejo aquilo que foi correto, aquilo foi errado, a fim de evitar o erro pra não prejudicar meu futuro. Então essa maneira de você garantir o futuro é olhar para trás; às vezes reformar, às vezes pega aquilo que tá pra atrás, que você tá deixando de lado e dá uma arrumada, dá uma recondicionada e manter, porque se você hoje existe com certeza foi por causa do que já aconteceu.

A banda é centenária; eu tenho relatos da banda de música desde mil oitocentos e trinta e um, nos territórios goianos já se falava de banda militar; então era uma entidade que é da cultura do povo e já tá no meio dos festejos populares, festejos religiosos, no meio dos eventos da própria caserna, onde você tem as atividades, os embates, a banda ia à frente para poder anunciar que ia chegando pelotão de polícia ou a bandeira de quem ia chegando para batalha; a banda sempre fazia esse papel, tocar seus dobrado, puxar tropa; tanto é que hoje a banda continua à frente da tropa, quem puxa o desfile é a banda. Porém, os atuais dirigentes tanto da corporação como o estado e a sociedade em si não valoriza e não reconhece esse trabalho. A gente tem lutado aí a tempo pra tentar fazer com que este trabalho possa ser aflorado e despertar, nesses que estão à frente, a importância desse reconhecimento; eu falo que não é reconhecido por que a banda da polícia de Goiás, nós temos uma fração dela, que a banda da cidade de Goiás ela é tombado como patrimônio mundial, ou seja, seria um marco no reconhecimento histórico da banda, porém a realidade é inversa, hoje a banda de Goiás está apenas com quatorze músicos até dois mil e vinte, pelo levantamento eu fiz, ela vai deixar de existir e eu já tentei de e não consigo reincluir músico pra fazer pelo menos a aquela banda lá continuar ativa.

Nós continuamos trabalhando, continuamos sendo importantes, mas estamos definhando perdendo a nossa importância e não estamos sendo reconhecidos, apenas no momento de fazer uso da banda, quando você tem uma solenidade, há necessidade de convocar banda, aí sim, aí é o reconhecimento, mas dificilmente passa o comandante que vai lá saber: quantos vocês são? Onde vocês estão ensaiando? A sala que vocês tem ensaio tem um isolamento acústico? Os instrumentos de vocês tem quanto tempo de uso? Tem o transporte pra adequado? Não! ninguém vai perguntar isso; e a gente como regente, mesmo oficial intermediário corre atrás e só porta fechada, porque a prioridade da corporação é outra, é segurança e não arte, mas eles esquecem que **a banda é uma ferramenta de relacionamento público. É a banda que leva a polícia, leva o estado à comunidade;** então

onde eu chego que tem dez mil pessoas no evento de desfile, por exemplo, a banda passa é o estado que tá passando, é a polícia que tá passando e isso aí não é visto infelizmente. A gente tem tentado a correr atrás desse reconhecimento mudando inclusive, a maneira de atuar; hoje nós estamos aí com concerto de aniversário da polícia, que é um marco, o concerto no parque já está virando tradição a gente começou a mudar, tirar o concerto de auditório e levar ele pra praça justamente para atrair a comunidade e mostrar comunidade essa importância que nós temos; a comunidade sim valoriza, nos dá a resposta que todo artista necessita, porém a comunidade não tem como nos apoiar com relações técnicas, quem tinha que fazer isso era o governo, era polícia. Infelizmente nós corremos o risco, como é o tema do meu trabalho "música sendo dissipada pelo tempo", gente trabalha com essa temática em que a história vai dissipando, em que o tempo dissipando, o decorrer dos anos vai 'dilapidando' a banda de música e nós vamos esmaecendo nossas forças até chegar ao ponto de não existir mais. Então não somos reconhecidos por quem deveria, que é o nosso patrão: o estado e a polícia, porém a comunidade nos reconhece, nos apoia, nos auxilia, nos usa; o ano passado nós atendemos mais de quatrocentas mil pessoas no Estado de Goiás só a banda da capital; então com relação ao reconhecimento é esse é o depoimento que eu tenho para te dizer.

### **Ao passar dos anos os novos integrantes mostraram-se interessados pelas tradições da banda?**

Já em relação aos novos integrantes o que eu falei nessa resposta sobre reconhecimento já encaixa nesses novos policiais militares músicos, porque eles vêm dessa leva da comunidade, são da atualidade; então o pensamento dele é o mesmo, eles não têm aquela estrutura que nós tínhamos lá atrás de batalhar, de guerrear, de correr atrás, de buscar o que seria a melhoria necessária para o próprio sustento deles. Se eles sofressem dez por cento do que nós músicos mais antigas (eu tô com vinte e oito anos de polícia na banda de música), se eles sofressem dez por cento que nós sofremos não estariam na banda, isso com certeza. A prova é que ao terminar o curso de soldado eu já perdi uns cinco soldados que saíram da banda, nem entraram na banda, formaram e nem foram na banda; agora mesmo eu fiz um levantamento, eu tenho vinte e sete músicos fora da banda, e entre esses vários soldados estão trabalhando como combatente e todos os soldados novos agora enxergam a banda de uma maneira igual a comunidade vê, igual atualidade vê, tipo acha que do jeito que tá não tá bom, começa a reclamar, não veste a camisa, não corre atrás de melhoria, só faz reclamar, se você coloca um serviço reclama, se faz uma coisa reclama; então de maneira que os novos policiais estão praticamente indo pelo mesmo caminho dos nossos dirigentes atuais. Se for depender deles pra banda subsistir, eu acho que vai ser meio difícil, certeza que nós vamos continuar ver o definhar da banda de música. Claro com algumas exceções, tem um pessoal que realmente "veste a camisa".

### **O que o senhor lembra do começo da banda?**

Com relação a história da banda, eu que iniciei a arrebancar os músicos com o sargento Leônidas; tinha músicos na Assembleia de Deus que tinha uma banda de música na época; o regente era o pastor Gercy, que é tio meu, hoje ele ainda mora na cidade, ele era o regente dessa banda; a banda que tocava na região toda era essa banda da Assembleia de Deus lá na rua Ofhir José Braz, no centro. Tinha a banda da Sonata que quem tomava de conta era seu Nunes e um segundo sargento do Exército chamado Valdir, eles tomavam de conta da banda da Sonata; e os outros músicos eram espalhados nos colégios...a Igreja de Cristo também, inclusive o coronel Waldir, o moreninho, era lá da Igreja de Cristo; aí quando o Leônidas chegou ele foi lá na nossa igreja, que era uma banda evangélica, ele por ser evangélico foi lá, e aí nos passou que o coronel tinha pedido pra ele formar a essa banda. Então ficou o vínculo muito forte: a igreja de Cristo porque o coronel era de lá, e Assembleia de Deus porque tinha a banda. Então nós começamos a correr atrás de reunir esse povo então eu e ele, eu e Leônidas começamos a buscar os músicos e realmente depois de todo procedimento nós trabalhamos dois meses aí sem farda dentro do quartel fazendo as tocatas e tudo, marchando com o

peçoal, mas não tinha farda não, era sem farda; até que o coronel conseguiu concurso e realmente veio o concurso para soldado eu fui reprovado, ele tentou me ajudar conversando com coronel a respeito de não reprovar, mas na verdade o coronel tava examinando não era a mim era um outro camarada que tava meu lado e o Leônidas se enganou, achou que era eu e ficou com medo do coronel me reprovar e foi querer dar uma ajuda e acabou atrapalhando, o coronel pegou e apelou com ele falou: — Quem manda aqui sou eu! Eu que estou fazendo inspeção. Você fica longe lá sargento, e esse aqui também tá reprovado! e já me reprovou sem nem me inspecionar eu e outro menino que a gente chamava de “clave de fá” ficamos fora aí... todo mundo entrou eu fiquei, No dia da formatura eu fui fotógrafo desses policiais que eu ajudei arrebanhar; aí depois de um ano teve um concurso pra terceiro sargento aqui em Goiânia.

Aí nesse concurso nós fizemos a inscrição e podia fazer pra cabo e sargento, as duas inscrições ao mesmo tempo, e aí dependendo se você não fosse aprovado nenhuma ia ficar valendo para outro e tal porque só querendo pegar músico; só que na última hora proibiram, tinha que optar por um ou outro, e aí foi quando aconteceu a briga, o Leônidas querendo que eu fizesse pra cabo e eu falei que ia fazer pra sargento e ele não queria, ele obrigou a maioria lá fazer pra cabo, e aí só quem enfrentou ele mesmo...que turrou que fez pra sargento, inclusive hoje sub tenente Deirdes, que tá, aí ele entrou comigo, ele veio do exército, ele era corneteiro primeira classe e ele cedeu à pressão do Leonidas e fez para cabo e ficou muito tempo...cabo Deirdes...e eu fiz para sargento e passei... aí entrei fiquei aqui em Goiânia fazendo o curso depois de seis meses terminamos o curso aí eu voltei para Luziânia, trabalhar em mil novecentos e noventa e um, cheguei aí já era um dos mais antigos. Eu já cheguei sargento e aqueles que eu ajudei a colocar dentro e não consegui aprovação, continuaram a soldado então eu passei a coordenar a rapaziada, e foram dezoito anos aí na banda do décimo até que em dois mil e oito eu deixei o comando e vim embora para Goiânia.